

DIFERENTES FORMAS DE COMUNICAÇÃO DA MORTE

Cibele de Mattos Mendes*

RESUMO: Dos processos conhecidos pela humanidade, ao longo dos séculos, com certeza a reinvenção maior que o ser humano almeja é a erradicação da morte. Assunto discutido em rodas de amigos, parentes, velórios, mesas de bar, passeios de ciclismo, mesas científicas, em todos os ambientes. Cada um emite uma opinião, mas o reconhecimento da finitude da vida não é fácil. Em torno disso, trabalha-se, produz-se, ama-se, discute-se, e criam-se lemas: “plantar uma árvore, escrever um livro, deixar uma semente sob a forma de um filho”, tudo, objetivando perpetuar-se. O que se pretende nesta comunicação é refletir sobre o sentido que a morte adquire na sociedade contemporânea, apresentando alguns traços da vida social, sob a forma das notícias de falecimento e lembranças de luto.

Palavras-chave: Morte. Notícias. Lembranças.

ABSTRACT: Processes known to mankind over the centuries, certainly more than the reinvention of the human aims is the eradication of death. Subject discussed in wheels of friends, relatives, funerals, bar tables, cycling tours, scientific tables, in all environments. Each one gives an opinion, but the recognition of the finitude of life is not easy. Around it, use it, take it, love it, it is argued, and it creates slogans: "plant a tree, write a book, leave a seed in the form of a child," all aiming to perpetuate themselves. The aim of this communication is to reflect on the meaning that death takes on contemporary society, with some features of social life in the form of stories of death and memories of grief.

Key-words: Death; News; Memories.

Os olhares lançados sobre a morte são sempre entrecruzados, pois testemunham atitudes e sensibilidades coletivas resultantes das desigualdades sociais no morrer, evidenciados através da construção de mausoléus, nas epígrafes das lápides, no estado de conservação dos jazigos, na idade, gênero e ocupação dos mortos, nas frases de despedida, nos anúncios fúnebres, etc.

Todas as sociedades desenvolvem um ou mais sistemas fúnebres pelos quais pode se entender a morte em seus aspectos pessoais e sociais. Em muitas culturas, a noção de dar aos mortos uma boa despedida é um tema proeminente, podendo incluir o gasto de grandes somas

* Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU/ UFBA. Mestre em Artes Visuais.

em dinheiro em um caixão luxuoso, com o morto trajado com roupas de luxo, maquiado e portando jóias. Há também o hábito de fotografar o morto, como uma forma de se atestar que a pessoa ainda está viva. Caso citado por Koury (1999), acerca do processo de luto de uma mulher nordestina pelo filho morto tragicamente: “O retrato do meu filho vivia no meu peito. Na foto parece que meu menino está rodeado de luz...”

Na verdade, o funeral é percebido como um reflexo das realizações da vida do indivíduo e um conforto para os vivos. O sistema mortuário é o meio que a sociedade encontra de reconstituir sua integridade após a perda de um dos membros. Dessa forma, as frases de luto, de despedida e de desconsolo, constituem-se num rito em que muitas das famílias se utilizam como forma de dar sentido à própria vida.

O enterro, bem como as outras maneiras de lidar com o corpo morto, é um meio de a comunidade assegurar a seus membros que o indivíduo falecido caminha na direção de seu lugar determinado, devidamente sob controle. Através de tais práticas, o grupo recebe mensagens que evoluem da insegurança ao sentimento de ordem e representam a maneira especial que cada grupo humano tem de resolver um problema fundamental: é necessário que o morto parta (RODRIGUES, 1983, p. 45).

Os ritos, como organização cultural, conduzem às pessoas a se juntarem e expressarem seus afetos, constituindo-se numa construção e reelaboração de significados. É a oportunidade de colocar em foco o imaginário, o utópico, a pessoa que se deseja ser; um universo privilegiado para se penetrar no coração, nos sonhos, do jeito de ser e estar de uma sociedade.

Dessa forma os ritos constituem-se em rituais, que marcam tanto atos considerados simples no cotidiano (as refeições e a conduta profissional figuram entre os exemplos), quanto eventos significativos da vida pessoal (nascimento, formatura, casamento, falecimento, entre outros) e da vida coletiva (comemoração de um acontecimento, posse de um chefe de Estado, etc). Sua indispensabilidade social é decorrente de sua função simbólica: fornecer segurança ao indivíduo e ao grupo. Segurança propiciada através de um “sistema de fórmulas e símbolos” que orienta condutas, dita receitas, expia as culpas, fornece certezas (THOMAS, 1985).

Reciprocidade, respeito, obrigação, apoio e a possibilidade de reencontrar pessoas queridas, estão entre as razões para muitos participarem dos rituais. Na atualidade, esses rituais sofreram uma espécie de “abalo”, ou melhor, uma readaptação na sociedade ocidental

moderna, ao eleger a ciência e a técnica como as provedoras-mor, capazes de fornecerem respostas a todos os problemas. A sociedade tecnificada ao interferir na realização dos rituais em geral e dos ritos fúnebres em especial; o colocam à prova. A individualidade e a competitividade conduzem à desagregação dos laços de solidariedade onde a morte, ou, concretamente, o cadáver, passa a inspirar pavor, por indicar o fim, o aniquilamento da existência.

O momento da morte, preparada ou não, demarca o início das práticas rituais propriamente ditas. Práticas que visam assegurar a passagem do profano ao sagrado (GENNEP, 1978), que caracterizam o homem como um ser cultural (MORIN, 1976), que possibilitam a compreensão da organização, dos valores e crenças de determinado grupo social (THOMAS, 1985), e que, conseqüentemente, dizem muito do universo simbólico da morte e do morrer (ARIÈS, 1989).

O velório integra os ritos de separação, que só se concluem com o enterramento, a incineração ou a mumificação do cadáver. Entretanto, o período após os funerais, compreende “ritos de margem” para os sobreviventes, marcado principalmente pelo luto (reclusão e interditos), oferendas e sacrifícios, que também apresenta variabilidade cultural. Independentemente da classificação do ritual do velório ele possui uma dupla função, que envolve respectivamente vivos e mortos: os vivos tanto se despedem do morto, quanto estreitam os laços de solidariedade social ao confortar a família do morto (respeito individual e obrigação social); a vigília visa garantir a separação alma/corpo, evitando qualquer tipo de “contato” do morto (ele deve seguir em paz seu caminho para o além).

Os ritos de separação são iniciados logo após a morte, dentre eles o anúncio fúnebre, que facilitado pelos meios de comunicação, indica o acontecimento, o sepultamento e/ou a missa de sétimo dia, com menos comoção e restrito o convite às pessoas mais próximas. Em estudo sobre os anúncios fúnebres entre 1920 e 1940, Witter (1983, p. 86), afirma ser “uma das formas de externar o significado da morte, principalmente para a família, pois é o anúncio que relata à sociedade na qual vivia o 'morto querido' a perda sofrida por este ou aquele grupo”.

O momento da morte é munido de simbologia para todos os que professam uma fé. No caso do catolicismo, a confissão, a comunhão e a unção dos enfermos (ou mesmo um dos três) ministrada pelo sacerdote são elementos distintivos que possibilitam a expiação dos pecados e a purificação da alma. Trazem segurança ao moribundo e à família, apesar de não

garantirem, por si só, a ascensão à esfera celeste.

Certas mudanças refletem as transformações presentes no universo simbólico e social da morte e do morrer. O fato de a maioria dos velórios ser feita em capelas de cemitério num espaço curto de tempo, com poucas horas de duração, e do cortejo geralmente se restringir ao espaço interno do cemitério (da capela até a cova), traduz a tecnificação e interdição da morte e o processo de individualização presente na sociedade atual, perceptível, principalmente, nas grandes cidades (ARIÈS, 1989; THOMAS, 1985; ELIAS, 2001). O não saber como agir, o que falar diante da morte, o registro no livro em vez das condolências face a face, ou mesmo, a não participação nos ritos justificada por um telefonema ou um e-mail alguns dias depois são cada vez mais comuns. Tecnificação, urbanização, individualização e, por extensão, dificuldade em expor sentimentos, discrição e constrangimento com relação ao que não pode ser dominado, ao que está fora do controle humano.

No mundo contemporâneo, o indivíduo vive uma corrida alucinada para esquecer que vai morrer. Tudo o que faz, não tem estritamente nenhum sentido. Convive com o paradoxo de que, quanto mais se desenvolvem meios para prolongar a vida, mais alienado da própria vida ele se torna. Não tem domínio sobre os processos vitais, restando-lhe apenas acatar o juízo e o saber daqueles que detêm a explicação da vida e da morte: os médicos. O momento da morte é solitário e considerado vergonhoso. A morte se retira para o silêncio dos hospitais; ao contrário de tempos passados, em que aparecia como um momento temido, mas também grandioso.

Na atualidade, os curtos cortejos, contam com a discrição como palavra de ordem. O caixão é lacrado e conduzido até a sepultura, com ou sem benção, coberto por coroas de flores, ofertadas por parentes e amigos. Nesta hora, as manifestações de dor são quase que inevitáveis, apesar de mais comedidas, devido à certeza que não haverá mais, pelo menos nesta vida para os religiosos, contato com o morto. Este é o momento da última homenagem que sela o “trajeto simbólico”, próprio à cada cultura, que garante a separação do mundo dos vivos e dos mortos, encerrando os ritos de separação.

Oferendas, velas, missas de sétimo dia, um mês e de um ano, são exemplos desse período que termina com os ritos de agregação do morto ao outro mundo e com a suspensão do luto. A função das missas pós-morte é a de permitir a agregação do morto no outro plano, garantindo, no catolicismo, sua salvação; mas é também a forma de confortar a família que perdeu o ente querido.

A missa de sétimo dia é um verdadeiro evento de oração e de conforto para os vivos; onde participam parentes, amigos e conhecidos. A missa de um mês de morte é mais íntima, realizada com a presença da família e de amigos próximos; mais restrita aos que possuem religiosidade. A missa de um ano, para os seguidores do catolicismo é o fechamento de um ciclo, significando também o fim do luto. O que não impede que outras missas continuem sendo realizadas no aniversário de nascimento ou na data da morte.

As visitas ao local que abriga os restos mortais e que, quando da morte “romântica” (ARIÈS, 1989), permitiam cenas de desespero fazem parte definitivamente de outra época histórica. Hoje, as visitas se tornam comedidas e restritas, principalmente ao Dia dos Mortos (dois de novembro), feriado nacional, que possui sentido principalmente para os cristãos católicos. A obrigação cristã de cuidar do túmulo e a consciência de que um dia estará lá, são evidenciadas. O antigo hábito de ir rezar sempre no cemitério foi substituído pelas orações na casa e na igreja; mas no Dia dos Mortos, a presença é praticamente obrigatória.

Quando uma perda ocorre, uma vivência impõe-se para o sujeito, que requer adaptação à nova condição psíquica e de existência, da qual não se pode escapar. Na opinião de Kovács (2002, p.154), “a perda e sua elaboração são elementos contínuos no processo de desenvolvimento humano. É neste sentido que a perda pode ser chamada de morte consciente ou de morte vivida... a única morte experimentada é a perda, quer concreta, quer simbólica”. Daí porque ele considera as várias fases do desenvolvimento como “experiências de morte em vida”.

No curso de uma “vivência de perdas” deve ser realizado um luto, o que Freud (1916, p.236) assim define: “uma reação à perda de um ser amado ou de uma abstração equivalente, a pátria, a liberdade, o ideal, etc”. O luto é um trabalho psíquico que consiste em elaboração da perda, em abandonar as relações com o objeto perdido. Quando essa perda é vivenciada de forma coletiva, tanto melhor.

Independente do local de sepultamento, os mortos não deixam de ser reverenciados. Em torno das lembranças, há uma valorização dos sentimentos ao redor da imagem do ente querido, frente ao processo impactante do desenlace. A assimilação que se faz da própria ausência, pode-se refletir através dos túmulos construídos, da iconografia utilizada, da falta de conservação destes, nos anúncios de falecimento, nos obituários, etc.

As representações do luto são variadas, vão desde os efeitos do poder aquisitivo, do apego à religião, através de referências bíblicas, ou espiritualistas, tudo objetivando o alcance

da glória eterna; até a concepção de que morte é um destino penoso para os seres vivos, trazendo sentimentos de angústia e tristeza.

O indivíduo pode ser reverenciado de diferentes maneiras, através do culto a sua memória, seja pela realização de oferendas, visitas aos túmulos, missas de sétimo dia, trigésimo, de ano, etc. Essas práticas integram socialmente as famílias, amigos e conhecidos do morto, estabelecendo uma rede de relacionamentos, posto que, ao reportarem à morte, estão refletindo a própria vida. Pois, para que o indivíduo se realize, é necessário que ele deixe marcas de sua passagem, marcas estas, que caracterizarão, a plenitude ou o vazio de uma existência.

Existem formas de versar a cultura dos mortos, através de categorias que vão surgindo, se reproduzem, ou se atualizam. Isso ocorre através de parentes mais próximos ao morto, ou de amigos, que produzem textos utilizando-se da linguagem fúnebre, seja para rememorar ou valorizar o ente querido. Na elaboração desse “corpus”, podem ser ignoradas características ruins da pessoa, mas são reafirmados fatos positivos, alusivos à sua pessoa e personalidade. Fatos e situações vividos pelo morto tornam-se dignos de serem lembrados. Isso ocorre, porque o desejo é encobrir a perda do ente querido.

No Brasil do séc. XX e XXI há contrastes gritantes entre as formas de viver a vida, que se traduzem em diferenças e significativas formas de entender a morte: por um lado, há todo um aparato tecnológico que serve as instituições de saúde e seus usuários; por outro, há a carência, a miséria absoluta, a ausência total de serviços, de assistência. Em consequência dessas duas maneiras tão diferentes de dispor e desfrutar da sociedade, de inserir-se no mundo, emergem também diferentes maneiras de representar a morte. Essas diferentes maneiras de representar a morte compreendem a história dos afetos, expressos através de notas de falecimento, serviços funerários, lembranças de missas, obituários, epígrafes das carneiras, anúncios fúnebres e outros.

Em todo o Brasil, a liberdade para tratar dos assuntos que envolvem a finitude da vida, são estabelecidos por Lei. Desde o fim das inumações no interior dos templos foi encarado pelos setores mais tradicionalistas como uma ameaça à memória histórica das comunidades e grupos familiares, e à crença na ressurreição final dos corpos. Essa pretensão de modificação nos lugares de enterramento trazia aos familiares dos mortos temores de que houvesse a profanação dos túmulos, uma vez que agora eles estariam longe do sagrado altar - *ad sanctos et apud ecclesiam* - fato este extremamente preocupante para os crentes, revelando



o choque existente entre hábitos arraigados e as novas práticas decorrentes de modo tradicional de consagração.

Na Bahia, os costumes e tradições ao serem modificados pelas leis, incidiram diretamente sobre as atitudes, práticas e representações coletivas, fazendo com que o povo baiano encontrasse outras formas de demonstrar e representar a sua dor. Na cidade do Salvador, há, especificamente, cerca de 10 cemitérios municipais, 01 público e 07 particulares, em cujos locais, são sepultados os entes queridos sob as mais variadas formas e valores. Número este, pequeno, devido ao aumento do número de mortos jovens na capital baiana.

Quando ocorre uma morte, familiares e amigos são informados, bem como, são utilizados os meios de comunicação, como: jornais, rádios, out doors e programas de televisão. Providencia-se o caixão e tipo de sepultamento, como também as lembrancinhas de missa, escolhidas em gráficas, sob os mais diferentes modelos, e distribuídas após a cerimônia. Os velórios ocorrem nas salas específicas dos cemitérios, cujo cortejo é acompanhado por um expressivo número de pessoas. É raro o sepultamento com poucas pessoas. Neste momento, são feitas as homenagens, denúncias e expressões de sentimentos.

Atualmente, devido à notícia de morte ter chegado aos noticiários de televisão pelos mais variados motivos, seja pela causa da morte, pela figura representada, etc., são realizadas coberturas das redes de televisão para o público em geral, que registram desde o fato morte, até o sepultamento.

Na capital baiana, há um jornal de distribuição gratuita, denominado Metrópole, com cerca de 20 páginas, tiragem de 80.000 mil exemplares, que traz informações sobre a comunidade em geral. Em sua página final, dedica espaço à coluna de nome Obituário, discorrendo sobre óbitos mais recentes, figuras do cenário mundial, curiosidades sobre a morte e personalidades que partiram.

Aliado às manifestações gerais de pesar, uma espécie de panfleto alusivo às vítimas de acidentes de trabalho foi distribuído às pessoas nas ruas da cidade. Como características gerais, possuía o símbolo de uma cruz latina em diagonal, contendo o seguinte texto:

28 de Abril. Dia Mundial em Memória das Vítimas de Acidentes de Trabalho. O FORUMAT - Fórum de Proteção ao Meio Ambiente do Trabalho, estará prestando uma homenagem a todos os trabalhadores e trabalhadoras do Estado da Bahia e do Brasil vítimas de acidentes e doenças de trabalho. Este é um dia de luto, mas também de luta por PAZ E VIDA NO TRABALHO (...) Dia 28 de Abril: das 09:00h às 18:00h. Local:



Prefeitura Municipal de Salvador.

Devido à ocorrência de muitas mortes na capital baiana, dois cemitérios abarcam o maior número de sepultamentos. São eles, o Cemitério Público da Quinta dos Lázarus, que sepulta por dia, cerca de 40 pessoas; enquanto o Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, denominado Campo Santo, cerca de 20 mortos.

O grande contingente de sepultamentos é realizado nas carneiras, que, devido à posição vertical, acolhe maior número de sepultamentos. Apresenta um caráter temporário e de mobilidade como túmulo, com permanência de cerca de três anos de ocupação. O pequeno espaço destinado a inscrições, não impede que os familiares usem de criatividade na decoração com flores, imagens religiosas, paninhos de renda, tornando-a uma espécie de nicho, fazendo-a parecer maior do que é.

Em muitas das vezes o texto padrão (nascimento e morte) é acrescido de dizeres que buscam expressar o sentimento particular das famílias. É o caso de: "Manoel Silva. Nasceu em 23 de junho de 1935. Você estará sempre vivo em nossos corações. Saudades eternas de sua esposa, filha, netos, parentes e amigos. Uma prece".

Como também: "Maria Miguelina Fonseca Magaldi. Morreu em 12 de julho de 1986. Foi uma mulher feliz deixou saudades". Dentre outros textos nas carneiras, é possível citar:

Benidita Britto de Andrade. Nasceu em 12 de dezembro de 1925 e morreu em 17 de junho de 1995. Mãe somos felizes ao partilhar com você a vida, a mesma vida que você nos deste. Tua presença continua a recriar. Para nós você não morreu. Não morrerá nunca. Te amamos muito Mãe.

Dentre os variados tipos de túmulos, mausoléus, jazigos perpétuos, capelas e ossuários, as carneiras correspondem às fontes de pesquisa que mais sofrem mudanças, devido ao seu caráter de transitoriedade na ocupação, constituindo-se numa fonte inesgotável de pesquisa.

Dos muitos fatos ocorridos na Bahia, poucos despertam tanta dor, angústia e revolta. Trata-se da explosão de uma fábrica de bombas que vitimou inúmeras famílias. Fato ocorrido há 11 anos, sem a punição dos responsáveis. O local da catástrofe foi em Santo Antônio de Jesus, cujo contexto foi narrado através da lembrança da missa de sétimo dia:

LEMBRANÇA DAS VÍTIMAS DA EXPLOSÃO do dia 11 de dezembro de 1998 - às 11:45 horas na Jueirana em SANTO ANTÔNIO DE JESUS - Bahia. EM JESUS A VIDA NÃO É DESTRUÍDA, MAS TRANSFORMADA. HONRAREMOS O VOSSO

SACRIFÍCIO LUTANDO POR UMA VIDA DIGNA. Edilene Silva Santos (18), Edna Silva Santos (21), Monica Santos Rocha (22), Adriana Santos Rocha (15), Fabiana Santos Rocha (14), Carla Alexandra Santos (17), Antonia Cerqueira dos Santos (37), Daiane Santos Da Conceição (13), Daniela C. Reis (11), Matildes de Cerqueira Santos (33), Adriana dos Santos (17), Andréia dos Santos (17) Angela Maria da Conceição de Jesus (22), Marise Conceição Santos (Bôda) (36), Paulina Maria Silva Santos (37), Maria de Lurdes de Jesus (35), Maria Aparecida de Jesus Santos (40), Alex Santos Costa (15), Maria José Bispo dos Santos (30), Luzia dos Santos (39). Luciene Ribeiro dos Santos (16), Maria Antônia Santos Souza (41), Girlene dos Santos Souza (14), Verbenia Silva Pires (24), Carla Mercia Borges (19), Maria Ramos Borges (Romilda) 918), Aldemir Silva Santos (16), Tres fetos, Katia Sileni Lima Bittencourt (21), Cristiane Lima Bittencourt (22), Vanessa de Jesus Bittencourt (18), Vania de Jesus Bittencourt (18), Maria Izabel de Jesus Bittencourt (47), Aristela Santos de Jesus (16), Maria das Graças Santos de Jesus (20), Silvana de Jesus Santos (22), Ana Lucia de Jesus Santos (27), Maria Cleuza Machado Santos (40), Karla Reis dos Santos (16), Edneuzza Carvalho Santos (24), Maria Joelia de Jesus Santos (20), Marinalva de Jesus (31), Rita de Cassia C. Santos (20), Francineide Bispo Santos (17), Izabel Alexandrina da Silva (40), Marivanda Souza Silva (20), Alexandra Gonçalves da Silva (22), Suely da Silva Andrade (18), Rosângela de Jesus Costa, Mãe de Vitória (16), Maria Doinice Santos Cruz (21), Eunice dos Anjos (22), Maria José Nascimento Almeida (22), Luciene Oliveira (17), Ana Claudia Silva da Hora (19), Arlete Silva Santos (15), Nubia Silva dos Santos (16) Joseane Cunha Reis (19), Claudiane Nascimento (19). "QUANDO EU ME CHAMAR SAUDADE". Sei que amanhã quando eu morrer, os meus amigos vão dizer que eu tinha um bom coração (...) Alguns vão até chorar e me homenagear! Mas depois que o tempo passar, nem vão se lembrar que eu fui embora (...) Por isso eu penso assim: Se alguém tem algo a fazer por mim, que o faça agora! Me dê flores em vida, o carinho e a mão amiga para aliviar os meus "ais". Porque, depois que eu for embora, me chamarei saudade, não preciso vaidade. Quero paz e nada mais! Fabiana. Fabiana Santos Rocha. 14 anos. Moradora da Rua Nova do Mutum. Ia se crismar no Domingo em que morreu junto com as irmãs Adriana e Mônica. Este poema foi escrito por ela algumas semanas antes de morrer. HOMENAGEM DA PARÓQUIA DE SÃO BENEDITO.

Na cidade de Cachoeira, localizada no Recôncavo baiano, uma Irmandade considerada Patrimônio Imaterial da Bahia, denominada de Nossa Senhora da Boa Morte, fundada no séc. XIX, composta somente por mulheres negras acima de 40 anos; cultua a figura de Nossa Senhora, Maria, mãe de Jesus, realizando festa em sua homenagem, anualmente.

Nesta festa denominada "Festa da Boa Morte", são representados momentos da vida da personagem bíblica, bem como a interpretação do seu falecimento, através de vigília e desfile em procissão, com a imagem de Nossa Senhora morta. As senhoras vestem-se de trajes de luto e portam tocheiros pelas ruas da cidade. Comemoram a ascensão, ou subida aos céus, de Maria, com roupas brancas, adereços dourados e prateados e muitas flores. Neste momento, a figura representada passa a ser a de Nossa Senhora da Glória.

A Irmandade possui sede e Capela, onde acontecem celebrações em torno de Nossa

Senhora da Boa Morte. As esculturas de imaginária em roca, são guardadas em um espaço privativo. Nossa Senhora da Boa Morte, permanece deitada numa cama, coberta por tecidos bordados de Richelieu e flores brancas. Ao lado, encontra-se o caixão. Enquanto Nossa Senhora da Glória permanece de pé, na entrada do recinto.

A Festa da Boa Morte é o ponto máximo de um culto popular, nascido no período da escravidão e, preservado como senso de identidade e continuidade. As senhoras que a integram, são guardiãs das tradições da Irmandade. E mais do que uma Festa, a Irmandade da Boa Morte, verdadeiramente cultua a figura de Nossa Senhora da Boa Morte, atribuindo a ela pedidos e graças. Há uma invocação característica, transmitida sempre quando há uma despedida: "Que Nossa Senhora da Boa Morte te acompanhe". Assim como: "Entrei aqui para cumprimentar Nossa Senhora". Referindo-se ao local onde está o nicho de Nossa Senhora, sem a imagem propriamente dita.

No ano de 2005, após a realização de Missa de Sétimo dia na Igreja Matriz de Aracaju, foi encontrado um texto, contendo fotografias de um jovem e uma jovem em diferentes momentos. Em seguida, várias fotos do mesmo casal, enquanto que no anverso, um texto, com os dizeres abaixo:

Laelson e Luzinete Menezes. Uma história de 56 anos de amor, que ficou para todo o sempre. PALAVRAS QUE ELA DIRIA: Laelson, meu esposo, grande amor da minha vida, que ficou para a eternidade. Meus filhos, Carlos Henrique, Laelson Filho e Antônio Luiz, foram a essência do meu viver. Meus netos, a alegria do meu dia-a-dia. Meu bisneto, Danilo, grande presente que Deus não esqueceu de me dar. Minhas noras, Nanci e Mara, sempre desejei uma filha, procurei em vocês esta presença. Tentei passar o amor de mãe para as duas. Meus irmãos, cunhados e cunhadas, saibam que sempre estiveram presentes em meus pensamentos e nas minhas orações. Meus sobrinhos, sempre desejei o melhor para vocês, e em especial para o meu querido Dr. Marcelo Menezes pela sua dedicação e carinho. Que Deus os abençoe. Querida Lêda, filha e amiga zelosa, presente em todas as horas. Dras. Selma Alves Fialho e Cleide Selma Melo Menezes, minhas grandes amigas, agradeço toda a tenção que em vida me deram. Meus colegas e amigos sempre estiveram presentes no meu coração e nas minhas boas lembranças. Agradeço a Deus por tudo que vivenciei com vocês, e como a vida é passageira...Um até Breve! Fiquem em Paz. Luzinete Menezes Lima. 01/06/1921. 21/05/2005.

No ano de 2006, foi observado que, em duas cidades de Minas Gerais, em específico, são mantidos costumes e tradições sobre a finitude da vida, através da divulgação de notícias de falecimento, em áreas de grande circulação de pessoas.

Na cidade de Ouro Preto, duas casas funerárias, além dos serviços de sepultamento de pessoas, realizam a divulgação das notas de falecimentos e missas. Utilizam a área do

centro da cidade, por onde transitam inúmeras pessoas, principalmente a pé, onde são fixados anúncios de morte nas portas das casas. As notícias contem o nome do evento (falecimento ou missa), identificação da pessoa em destaque, agradecimentos, local de sepultamento e/ou missa. O que pode ser visto a seguir:

FALECIMENTO. EVANGELINA MURTA DE FIGUEIREDO (Lilina ex. func. da Telemig). Irmãos: Isabel Murta, Efigênia, Marcos Murta e Maria Alzira; sobrinhos e demais familiares de EVANGELINA MURTA DE FIGUEIREDO. Comunicam a todos o seu falecimento e convidam parentes e amigos para o seu sepultamento, nesta terça-feira (22/08), saindo o féretro às 17:00 horas, da Capela Velório da Antiga Santa Casa, para o cemitério Municipal Parque da Saudade, em carro fúnebre. Antecipam agradecimentos, Ouro Preto, 21 de agosto de 2006. Funerária Ouro Preto - Rua Padre Antônio Carvalho, 19 - Antônio Dias. Ao lado do Salão Paroquial - telefax: (31) 3551 - 1850 - Celular: 9961 - 1630.

FALECIMENTOS. Os Familiares de JOSÉ PEDRO MARINS FILHO, MARIA DAS GRAÇAS MARTINS SILVA (Esposa de Bento e Mãe de Waldete, Wanderley, Vilma, Waldiney). Comunicam a todos os falecimentos e convidam parentes e amigos para os sepultamentos nesta Quarta-feira (23/08), saindo o féretro da Rua Chico Rei, 222A - Antônio Dias para: JOSÉ PEDRO: às 12:00 horas, para o cemitério Parque da Saudade em Carro Fúnebre. MARIA DAS GRAÇAS: às 16:00 horas, para o cemitério da Igreja de Santa Efigênia. Antecipam agradecimentos. Ouro Preto, 22 de agosto de 2006. Funerária Ouro Preto - Rua Padre Antônio Carvalho, 19 - Antônio Dias. Ao lado do Salão Paroquial - telefax: (31) 3551 - 1850 - Celular: 9961 - 1630.

MISSAS DA RESSURREIÇÃO. VICENTE PAIVA. Esposa: Cor Maria Mota de Paiva. Filhos: Luiz e Família, Teco e Família, Dezinho, Tita e família, Marilene e família. Irmãos, sobrinhos, netos, cunhados, genros, noras, amgos e demais parentes de: VICENTE PAIVA. Convidam para as missas da ressurreição que serão celebradas amanhã dia 22/08 (terça-feira), às 7:00h e dia 26/08 (sábado) às 19:00h, na Igreja de Nossa Senhora do Pilar. Antecipam agradecimentos, Ouro Preto, 21 de agosto de 2006. Serviço Social da Funerária Monteiro - Fone 3551 -1804. Rua Bernardo Guimarães, 25 (Bairro do Rosário - Ouro Preto). Celular 9961 - 1804.

Na cidade de Marian, Minas Gerais, o mesmo costume foi identificado:

CONVITE. Missa de Sétimo Dia. A Família de RODRIGO MAGELA SILVA (filho de: Maria Aparecida de Oliveira Silva, José dos Santos Silva e irmão de Roselane e Sirlaine). Agradece as manifestações de pesar recebidas por ocasião de seu falecimento e convida parentes e amigos para a Missa de Sétimo Dia, que será celebrada dia 27 de agosto de 2006 (domingo), às 17h e 19h na Catedral da Sé; às 7h e 17h na Igreja N. Sra. Aparecida (Cabanas); e às 8h no Salão Comunitário do Bairro São Gonçalo. Anticipa agradecimentos. Mariana, 24 de agosto de 2006. Gráfica e Editora Dom Viçoso, 3557 -1233.

As intenções ao discorrer esse texto, foram as mais variadas possíveis. As notas de falecimento e convites de missas são elementos mais corriqueiros, quando se trata de uma

morte. Na verdade, são inúmeros os suportes e possibilidades quando se deseja participar às pessoas o momento de finitude da vida.

Então, é importante tornar visíveis as manifestações culturais, formuladas e divulgadas em uma dada cultura. Pois, em cada um desses meios de comunicação há uma forma de escrita, uma tradução, uma difusão e um desenho, que mantém uma relação direta com o imaginário coletivo e as representações das cidades.

Com certeza, os suportes utilizados neste artigo, correspondem a uma pequena expressão quando se trata dos variados aspectos relativos à morte. Porém, representam e transmitem convenções socialmente criadas; sentimentos e motivos de uma época; elementos componentes de uma ideologia; utopias regressivas ou progressivas; mitos e idéias capazes de estimularem uma atividade social; assim como uma representação mental coletiva que retrata aspectos pontuais e exatos do cotidiano, seja, pelos hábitos de lazer, aspectos políticos, questões de saúde, enfermidade e morte; podendo oferecer pistas dos modos de se viver a morte neste imenso Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. *O homem diante da morte*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981b.

_____. *O homem diante da morte*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982

_____. *Sobre a história da morte no ocidente*. 2. ed. Lisboa: Teorema, 1989.

ELIAS, N. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FILORAMO, G. *Monoteísmos e dualismos: as religiões de salvação*. São Paulo: Hedra, 2005.

FREUD, S. *Luto e Melancolia*. Obras Completas: Imago, Rio de Janeiro, 1969.

GENNEP, A.V. *Os ritos de passagem*. Petrópolis. Vozes, 1978.

HOUAIS, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro:

KOURY, M. G. P. 1999 'Luto e fotografia'. Em C. Eckert (org.), *Imagens em foco: novas perspectivas da antropologia*. Porto Alegre, Ed. Universidade.

_____. 'Caixões infantis expostos — o problema dos sentimentos na leitura de uma fotografia'. Em B. Feldman-Blanco *et al.*, *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, Papirus.



MORIN, E. *O homem e a morte*. 2. ed. Portugal: Europa-América, 1976.

KOVÁCS, M. J. (Coord). *Morte e desenvolvimento humano*. 3. Ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

RODRIGUES, J. C. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

THOMAS, L.V. *Antropologie de la mort*. Paris: Éditions Payot, 1975.

_____. *Rites de mort – pour la paix des vivants*. Paris: Fayard, 1985.

WITTER, J. S. Os anúncios fúnebres. In: MARTINS, J. S. (org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1983.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*: Ed. Brasiliense. São Paulo, 1991.